

ENTRE VIVÊNCIAS E PERCEPÇÕES: UM RELATO SOBRE UM ESPAÇO CULTURAL DE ACOLHIMENTO PARA A BICHA PRETA PERIFÉRICA

BETWEEN EXPERIENCES AND PERCEPTIONS: A NARRATIVE ABOUT A CULTURAL SPACE OF BELONGING FOR THE BLACK QUEER PERSON FROM THE PERIPHERY

Rafael Cardoso Gomes¹

Resumo: trago um relato de experiência, no formato de um ensaio, sobre a escolha de um campo de pesquisa e minhas impressões acerca das entrevistas com os interlocutores para minha dissertação de mestrado em saúde pública pela Escola Nacional de Saúde Pública, na Fundação Oswaldo Cruz – ENSP/Fiocruz, intitulada: “Subúrbios existenciais”: percepções de saúde mental de homens negros gays, apresentada em 2022.

Palavras-chave: saúde mental; raça; orientação sexual.

Abstract: I present an experience report, in the form of an essay, about the choice of a research field and my impressions regarding the interviews with the interlocutors for my master's dissertation in public health at the National School of Public Health, Oswaldo Cruz Foundation – ENSP/Fiocruz, entitled: “Existential Suburbs”: Perceptions of Mental Health Among Black Gay Men. Presented in 2022.

Keywords: mental health; race; sexual orientation.

1 “AQUI A BICHA PRETA É BEM-VINDA”!

Em um sábado à noite, após uma semana corrida de trabalho, decidi sair um pouco para curtir o final de semana. No centro de Vitória é onde concentram-se algumas possibilidades de eventos, festas e programações. Avistei uma pequena rua, cheia de pessoas conversando, bebendo, rindo, dançando, entre outras tantas possibilidades de estar naquele local. Aproximei-me do bar e, ainda tímido, pedi uma cerveja. Estava reconhecendo o espaço e me reconhecendo no público alternativo presente.

Certamente um dos lugares onde vi mais pessoas negras e LGBTI+ reunidas, no estado do Espírito Santo. Tomei uma cerveja, pedi algo para comer e estava curtindo a música. Até que um rapaz se aproximou e começamos a conversar, ele comentou que gostava muito de frequentar aquele lugar, eu disse que era a primeira vez que estava indo e que estava muito entusiasmado por encontrar um lugar tão interessante. Ao olhar para o bar, na parte superior da porta estava uma TV de led com uma apresentação colorida, na qual estava escrito “SUBÚRBIO” e as seguintes frases: “Espaço LGBTI+, preto e periférico” e “Aqui a bicha preta é bem-vinda”.

¹Psicólogo da saúde, sanitarista e professor universitário. Doutorando e mestre em Saúde Pública pela ENSP/Fiocruz, pesquisa saúde mental de homens negros gays, com foco nas interseções entre saúde, raça, gênero e sexualidade. Atua na Atenção Primária à Saúde no SUS e integra o Observatório Nacional LGBTQIA+ e das Diversidades (NEPP-DH/UFRJ). É autor de capítulos e artigos sobre saúde coletiva, saúde mental, relações raciais e populações LGBTQIA+.

Todo aquele momento e tudo que ele compunha contribuíram para que eu ficasse intrigado, tive vontade de conhecer cada uma daquelas pessoas, queria saber como chegaram ali, por que frequentavam aquele lugar, como se sentiam, o que aquele espaço lhes proporcionava; eu trazia muitas inquietações dentro de mim. Vi pessoas ali vestidas com muito empoderamento, liberdade e altivez. O rapaz que tinha se aproximado de mim havia apontado para dois homens negros e mencionou que eles eram os idealizadores, um deles estava no caixa. Ao voltar para comprar mais uma bebida, perguntei sobre aquela iniciativa e o Brendo, um dos idealizadores me disse que ele e seu namorado, o Átila, tinham pensado recentemente sobre aquele projeto.

Disse quem eu era, manifestei o interesse de conhecer um pouco mais e trocamos contatos. Saí daquela experiência em êxtase, pois foi um encontro muito potente com aquela realidade. Estava ali um possível campo de pesquisa e os interlocutores com os quais eu gostaria muito de poder conversar. Voltei para casa com tudo aquilo na cabeça e um projeto de mestrado em curso. Por que não? Por que não observar melhor aquele espaço/lugar de outra maneira? Nesse momento não mais como um mero espectador, mas como um pesquisador a buscar conhecer a forma como pensam aquelas pessoas, suas narrativas de vida e implicações na saúde mental deles. Como eles percebiam as questões raciais, de gênero e de sexualidade?

Estreitei o contato com os idealizadores. Conversamos e eu tive a oportunidade de me colocar como homem, negro, homossexual, psicólogo e estudante do curso de mestrado em saúde pública. Expliquei do meu desejo em me debruçar sobre as percepções de saúde mental dos homens negros homossexuais. Falei de como o projeto me inquietou e do meu projeto de pesquisa. Eles ficaram felizes e me contaram a história da recente iniciativa de promover uma programação para o público LGBTI+ preto e periférico da cidade de Vitória.

O projeto subúrbio é um espaço cultural preto, periférico e LGBTI+, com o objetivo de fazer com que esses corpos possam sentir liberdade, conforto e segurança. Uma proposta que se inicia com um bar e que se estende por debates sociais de valorização à cultura marginalizada, tendo a rua como palco principal mais marcante.

Idealizado por dois homens negros homossexuais, Átila Alves e Brendo Soares, o projeto subúrbio promove espaço de vivência entre a comunidade preta, periférica e LGBTI+, no qual assuntos como a realidade e os anseios de tal público são fomentados a todo tempo. Assim, são ofertados convívios harmoniosos entre pessoas de raças e orientações sexuais distintas. Entende-se que é importante ouvir aqueles que são oprimidos, como também orientar aqueles que são privilegiados.

No que diz respeito ao nome do projeto, os idealizadores informaram que a ideia inicial era “causar”, provocar, incomodar, uma vez que havia o interesse de fazer um link com a periferia, o espaço marginalizado e a favela. A intenção era despertar a atenção das pessoas em pensarem acerca de algo tão legal com um nome que inicialmente poderia

trazer a ideia depreciativa. Dentro dessa ideia, há a ocupação da rua como forma de mostrar o diferente. O projeto ocorre no centro de Vitória, ES. Uma forma de trazer a periferia para a região central e tomar a rua, o espaço, a sociedade em geral.

Inicialmente, um grupo de amigos, que se entendia com muita consciência social, resolveu criar um espaço em que pudessem falar de si e partilhar suas experiências, uma oportunidade de promover inclusão para vidas subalternizadas. Inclusão essa que ocorre por meio de programações culturais, festas, *posts*, *lives*, etc.

O projeto subúrbio surgiu da ideia de fazer uma festa, porém a proposta foi ampliada, pois compreendeu-se a carência de espaços como esse e passaram a reconhecer a necessidade de se sentirem pertencentes a um lugar próprio das suas realidades. Após a primeira festa, os idealizadores, que também ficaram desempregados, entenderam que além de promoverem um momento de lazer, poderiam também gerar uma renda com o projeto e, dessa forma, se manterem financeiramente.

De acordo com os idealizadores, tudo aconteceu de forma muito orgânica e sem uma pretensão previamente estabelecida. Ainda em termos de geração de renda e emprego, a equipe que iniciou com o projeto priorizou a contratação de pessoas do público LGBTI+, considerando a dificuldade econômica que alguns deles estavam passando, além da responsabilidade social do projeto e a representatividade presente.

À medida que as festas aconteciam, nos momentos em que estavam reunidos, surgiam alguns assuntos, dos quais nem todos sabiam do que se tratava. Ocorriam diálogos atravessados pelas temáticas que envolviam a população LGBTI+ como, por exemplo, binariedade, transgeneridade, racismo, *lgbti+fobia*, entre outros.

O projeto pretende crescer a ponto de promover formações acerca de inúmeras temáticas e realizar ações sociais com frentes distintas. Subúrbio cultural, subúrbio saúde, subúrbio educação, subúrbio geração de renda, entre outros. Desejam ser reconhecidos como referência em termos de um projeto social voltado para a população LGBTI+ preta e periférica.

Ainda sobre a conversa com os idealizadores do projeto, ficamos de afinar ainda mais a nossa conversa e eles me indicarem como chegar aos frequentadores; eles foram os mediadores no contato com os futuros participantes da pesquisa. Em seguida, realizei contato com os frequentadores do “Projeto Cultural Subúrbio”, indicados pelos idealizadores, para participar da entrevista.

Fiz contato com os sujeitos da pesquisa via redes sociais (*Instagram* e *WhasApp*). No primeiro momento, apresentei-me como discente do curso de mestrado em Saúde Pública pela ENSP/FIOCRUZ e mencionei que gostaria de convidá-los para uma entrevista como parte da minha pesquisa sobre a saúde mental de homens negros gays, tendo o projeto/espaço cultural, “Projeto Subúrbio”, da cidade de Vitória, ES, como campo de pesquisa.

Ainda nos primeiros contatos, aproveitei para destacar que a participação deles seria voluntária, e que o momento de entrevista para o qual eles estavam sendo convidados tratava-se de uma narrativa de situações e acontecimentos de sua vida atravessadas pelo racismo e pela homofobia. Informei que, por questões éticas, eles não seriam identificados e que, para tal, utilizariam nome fictício.

Destaquei que a entrevista precisaria ser gravada mediante sua autorização e que poderia ser realizada de forma presencial ou virtual. Alguns deles preferiram presencialmente e outros no âmbito virtual, em decorrência da falta de disponibilidade de horário para um encontro presencial e as preocupações quanto ao período pandêmico. Os encontros presenciais ocorreram no Shopping Vila Vela, em virtude da capilarização de transporte para essa região, facilitando assim a mobilidade urbana. Tomamos um café na padaria e aproveitamos o espaço para a realização da entrevista, a qual se deu após a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

Inicialmente estávamos pouco à vontade, havia um protocolo a seguir. À medida que fomos conversando, a conversa fluiu melhor. Havia poucas pessoas na padaria, e o ambiente estava favorável para um bom papo. Os entrevistados conseguiram falar da sua trajetória como homens negros, gays, estudantes universitários, profissionais, pessoas de classe socioeconômica baixa e média. Falou-se de infância, religião, família, afetividade, sexualidade, saúde entre outros aspectos entrelaçados pelo racismo e pela homofobia em suas vidas. Havia um mix de sensações, mas indubitavelmente senti que o fato de ser negro nos aproximava e me creditava fazer aquela escuta de tamanha preciosidade, pois eu estava escutando sobre vida, afetações, desconstruções e intimidades. Uma escuta que se fez de dentro, de dentro daquelas realidades.

2 NOS VEMOS EM NÓS

Eu me reencontrei com essas pessoas, nessas pessoas e no lugar em que estive para articular com elas e desejar saber um pouco sobre suas vidas. Algo que pudessem dizer, que se sentissem confortáveis, algo que atravessa suas existências, do alcance do seu lócus social, ou seja, do lugar que ocupam na sociedade, a partir dos marcadores sociais da diferença que carregam. Assim, era de suma importância que não tivessem uma preocupação primária em contribuir diretamente com a pesquisa, mas que pudessem dizer antes de mais nada aquilo que fosse capaz de representar-lhes. Falarem de si, da vida, das experiências, dos movimentos, do ir e vir, do estar, do ser, do permanecer, do transformar, do conhecer, do duvidar, enfim, do existir.

Eu estava disposto a oferecer uma escuta. Uma escuta qualificada? E o que me qualificaria para escutá-los? Minha cor de pele? Meu cabelo crespo? O formato do meu nariz e da minha boca? O fato de também ser homossexual, de namorar outro homem negro homossexual e buscar viver um relacionamento afrocentrado? Minha formação? Minha

condição de discente e de pesquisador? O que me qualificaria afinal? O que em mim legitimou a aproximação de tais vidas? Sem sombra de dúvidas, toda a minha história me balizou para ouvi-los. A minha história me permitiu romper com a surdez do pesquisador, essa condição poderia tapar meus ouvidos para algumas realidades. Eu precisava estar como um semelhante e evidenciar isso de inúmeras formas.

Eu desejava promover uma escuta interseccional, e essa somente assim o foi, quando eu compreendi que sujeitos com uma vida, que se expressa entre um emaranhado de opressões, precisam de ter a oportunidade de falarem de si.

A interseccionalidade trata-se de um conceito, pertencente à teoria crítica de raça, postulado pela feminista afro-estadunidense, Kimberlé Crenshaw. A referida autora define a interseccionalidade da seguinte forma: “A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação” (Crenshaw, 2002, p. 177).

Pensando a interseccionalidade no Brasil, Carla Akotirene (2019) foi uma das estudiosas que dele se valeu, ela destaca que a interseccionalidade é uma proposta teórico-metodológica oposta ao silenciamento do discurso ocidental em desconsiderar outras experiências fora do escopo padrão moderno, vítimas de inúmeras e distintas formas de opressão. “[...] considero a interseccionalidade como um “sistema de opressão interligado” (Akotirene, 2019, p. 16).

Portanto, a interseccionalidade contribui sobremaneira para a construção de uma perspectiva que tem como ponto nevrálgico o lugar das reivindicações identitárias constituídas coletivamente. Compreendendo que a marca fenotípica da negritude é atravessada pela categoria de “outros” e assim, não cabe aqui tentativa alguma de caráter individual para pensar de forma exclusiva alguma espécie de opressão (Akotirene, 2019).

A interseccionalidade está localizada na vida dessas pessoas, logo não teria como eu captá-la em minha escuta, sem ouvir a vida desses indivíduos. É preciso ouvir e escrever a vida! A escritora, Conceição Evaristo, faz o seguinte questionamento: “é preciso comprometer a vida com a escrita ou é o inverso? Comprometer a escrita com a vida?”. Para ela, “a escrita e o viver se con(fundem)” e por tal motivo, cunhou o termo “escrevivência” (Evaristo, 2007, p. 53).

A escrevivência apresenta-se como uma possibilidade de inscrição, direcionamento para a autodefinição e emancipação de sujeitos que historicamente foram colocados em lugares de subalternidade. Escrever é proporcionar epistemologias outras para além daquelas entendidas como dominantes. Escrever é em certa medida subverter a produção de conhecimento soberana, é entrar no centro do debate e narrar histórias próprias e vivências, é abandonar a objetificação dos estudos de quem detém o privilégio epistêmico (Evaristo, 2007).

Nesses meandros entre vida e escrita, escrita e vida, algo em mim mudou, como sujeito, se refez, se transformou e me reconstituiu como pessoa. Ao entrar em contato com vidas como a minha, eu tive a oportunidade de revisitar minha história. Me reencontrei! Me vi neles em uma espécie de espelhamento. Estavam ali fatores que eram ora próximos e ora distantes de minha existência. Em que nos aproximavam? A partir do que nos afastávamos?

Certamente compartilhávamos de proximidades, pelos atravessamentos dos mesmos marcadores sociais, que nos trazem consequências desvantajosas no âmbito social, mas também nos aproximamos, por conta do estabelecimento de algumas estratégias contra o racismo e a homofobia. Eles assim como eu estão resistindo como podem, alcançando lugares e oportunidades por meio de muitos esforços. Entendemos que para nós é mais difícil e nos incomodamos com os desafios sociais impostos. Eles também estavam apostando nos seus processos educacionais sejam eles formais ou não formais, como por exemplo, a vida acadêmica e a participação em movimentos sociais, respectivamente.

Estive diante de um público racialmente letrado, com empregabilidade formal e informal, com nível de intelectualidade de graduação e isso muito me surpreendeu. Sabemos que não partimos desses lugares e que nem todo homem negro homossexual compartilha de tais inserções. Gostaríamos que mais de nós chegassem e ocupassem lugares onde ainda há pouco de nós, mas que também são nossos por direito.

Nessa ideia, há lugares ainda mais endurecidos para nossas ocupações e outros mais maleáveis. Eles já estavam lendo autores negros e isso muito me animou! Ainda evidenciaram o papel fundamental da coletividade. Sou porque somos! Fiquei extremamente satisfeito com o fato de compreenderem que juntos nos fortalecemos em inúmeros aspectos, juntos nos apoiamos e compartilhamos desafios e potencialidades, atravessados pelo que nos marca. Juntos podemos falar de nossas impressões e afetações, juntos resistimos de forma estratégica, juntos valorizamos os nossos padrões estéticos, intelectuais, artísticos, culturais, etc.

Percebo que a aquisição de conhecimento, constitui-se não somente como uma estratégia de enfrentamento ao racismo, mas também como uma oportunidade de ascensão social, no que diz respeito à potencial ocupação de melhores e mais elevadas funções, do ponto de vista hierárquico. Destaco aqui que uma parcela significativa dos interlocutores representa os primeiros a ingressarem no ensino universitário em suas famílias e essa inserção possibilitou- lhes sonhar com uma vida mais digna.

O “preto e viado” para viver conta com toda força interior para impulsionar a abertura dos caminhos fechados, o rompimento de barreiras, as quais encontra no interseccionado mundo de racismo, de homofobia, de pobreza, de preconceitos e discriminações diversas, o qual a existência lhe marcou e situou como lugar social. A força dos meninos pretos e viados é formada pelo desejo de reconstituição de si, posto que muitas são as fragmentações. Há ausências materiais, simbólicas e afetivas que despotencializam a vida.

Há a vivência do que posso considerar como uma atualização da experiência de um “afeto banzado”². Angústia, falta, retirada, saudade, melancolia em decorrência da despontencialização da vida.

Muitas vezes quando pensam que uma barreira foi vencida, as dominações se expressam em suas vidas e despertam sua consciência racial, por meio do interdito lembrete das condições de: Preto! Viado! Pobre! e periférico!. Ao chegarem na vida acadêmica, conquistarem emprego, mudarem de território, estabelecerem relações afetivas, vivenciarem a sua fé, entre outros. Nesses momentos de suas vidas algum ou alguns desses marcadores sociais serão evidenciados, como por exemplo, a seguinte fala: “Ele além de preto é viado”!

Quem alimenta, considera e cuida do corpo negro? Quem se alimenta e se beneficia do corpo negro? A quem interessa localizar o corpo negro no lugar apenas do prazer sexual e da servidão social? Acredito que essas respostas são encontradas por meio da escuta desses sujeitos. A escuta é capaz de promover a desbanalização da fala daqueles que são vistos como “outros”, a partir do lugar da classe, da raça, da orientação sexual etc.

Nesse sentido, entre um emaranhado de acusações que se querem dar o status de descoberta, em um primeiro momento, como por exemplo, na infância e na adolescência, percebo que os interlocutores não descobriram serem pretos e viados, mas sim foram acusados de sê-los. “Seu preto, sujo! Sua bicha preta! Seu cabelo é ruim! Seu feio!” são falas que expressam as acusações por serem como são.

Pensando acerca das experiências das bixas pretas, que poderão internalizar os estigmas produzidos pelo racismo e pela homofobia em suas vivências, o psicólogo, Lucas Veiga (2019, p. 81) ainda considera o “afeto-diáspora”, ou seja, a sensação de uma espécie de retirada, de não pertencimento, de exclusão, trazendo algum prejuízo à saúde mental. O referido autor ainda destaca que o “afeto-diáspora” simboliza uma reintrodução à diáspora africana, no entanto de uma maneira ainda mais perversa, visto que esse não acolhimento é vivenciado nos “Quilombos” mais próximos, isto é, família, religião, amigos e até mesmo o Movimento Negro.

Assim, estabelece-se um impasse: “negar a própria sexualidade e aderir à masculinidade heteronormativa para se proteger e preservar o amor de seus pares ou afirmar a própria sexualidade e ficar desprotegido, correndo o risco de não ser aceito em seu próprio espaço familiar de pertencimento” (Veiga, 2019, p. 83). Salta aos olhos o fato de que “qualquer uma dessas escolhas implica em sofrimento, em ambas é o “afeto-diáspora” que comparece e se desdobra em ansiedade, resignação ou depressão”. (Veiga, 2019, p. 83).

Considero que uma legítima descoberta acontecerá quando esses indivíduos se entendem e se declaram negros e homossexuais por si mesmos. Reconhecendo as heranças culturais e históricas desse lugar e as implicações que isso traz, não mais a partir,

² Refere-se ao banzo como um sofrimento psíquico da população negra, no período escravocrata. Trata-se de uma espécie de profunda angústia e melancolia em decorrência da diáspora africana.

exclusivamente, dos insultos, mas também por meio de uma autoafirmação com orgulho de si, com liberdade e dignidade. É possível ressignificar! Há outros padrões para além dos brancos e cisheteronormativos.

Queremos vivenciar os nossos afetos! Afrocentrar o afeto também é estratégico. A bixa preta que não inicia esse caminho poderá ainda ter a necessidade de se refugiar em pseudoafetos brancos, quando esses não se inserem na luta antirracista e não questionam seus privilégios materiais e simbólicos em nossa sociedade. Queremos mais! Precisamos de mais! Podemos dizer sobre nossos desejos sexuais e afetivos. Não somos obrigados a vivenciar apenas o que nos é proposto!

Exposto tais atravessamentos, a mim não é possível pensar a condição de saúde mental, que esteja alheia aos contextos apresentados. Observo que a bixa preta, de forma incessante, recebe a acusação de suas condições existenciais, conforme mencionado anteriormente. Eles são apontados em um mundo marcado pelas relações de dominação, de produção de subalternidades entre negros e brancos; ricos e pobres; cisheteronormativos e a população LGBTI+; centro e periferia, entre outros.

Diante da projeção negativa sobre si, e do domínio da branquitude com uma herança escravocrata no Brasil, além da cisheteronormatividade, a bicha preta permanece, incessantemente, em estado psíquico de alerta. Não lhe é possível relaxar, sob pena da não sobrevivência. É preciso olhar para os lados, sair com documento, vigiar o corpo, saber com quem anda... porque o racismo e a homofobia vêm de onde menos se espera. No supermercado, no restaurante, na roda de samba, na boate, na faculdade, no trabalho, na família, na religião, no ônibus, no carro de aplicativo, entre amigos, etc. Assim, notei sensação aguda de estresse, ansiedade e medo presente em inúmeras expressões do racismo e da homofobia no cotidiano.

Parte dos entrevistados que ainda não alcançaram uma estabilidade financeira, apresenta uma preocupação constante, uma sensação de estar sob emergência, a partir do marcador social da classe econômica, experimentam a não garantia do que comer, de onde morar, de como manter-se, da autonomia financeira, do vestir-se, enfim dos recursos materiais essenciais. Observo que essa não garantia também está relacionada à direitos sociais não efetivados por dificuldades no acesso de algumas políticas públicas e nesse sentido a saúde se faz presente.

Ainda constatee por diversas vezes a introjeção dos discursos, das imagens e das referências estabelecidas como modelos de humanidades, dos quais a população negra LGBTI+ é colocada à margem. Na relação com a supremacia branca amparada na branquitude, há dominação do grupo racial branco, em áreas como política, cultura, economia e tal dominação assegura privilégios para tais indivíduos e relega péssimas condições de trabalho, de vida, ou até a morte, para o grupo racial negro. Vale mencionar ainda que a supremacia cisheteronormativa que goza dos seus privilégios em termos de

masculinidade e sexualidade, marginaliza àqueles que estão fora desse escopo, enfatizo aqui o gay.

Entendo assim, que a internalização desses aspectos, a marginalização das pessoas negras LGBTI+ e o contexto social e econômico de incertezas geram inseguranças quanto à capacidade desses sujeitos no que se refere aos aspectos intelectuais, estéticos, morais e afetivos.

Penso o racismo internalizado por pessoas negras e que deixa marcas que produzem interferências no processo de identificação individual e coletiva. Assim, entendo que muitas bixas pretas poderão internalizar marcas depreciativas apresentadas na sociedade sobre si.

O que corrobora com a psicóloga, Jaqueline Gomes de Jesus (2012), ao considerar que aspectos como os padrões de beleza, a condição humana, a inteligência, a pureza e muitos outros adjetivos positivos poderão ser associados à cor branca, enquanto é possível que os negros recebam um conjunto de estereótipos negativos, por meio de discursos, representações e práticas que poderão acarretar a inferiorização das pessoas negras no que concerne ao seu pertencimento étnico-racial, suas condições socioeconômicas e suas culturas.

Como consequência do processo de interiorização do falacioso entendimento de que pessoas negras são inferiores, tem-se: a baixa autoestima que poderá atingir de forma individual e coletiva o povo negro, ocasionando um medo persistente do fracasso, adoecimento, imaginário distorcido quanto à capacidade de pessoas negras, a beleza, a condição de humanidade e a tomada de decisões (Jesus, 2012).

O antropólogo, Kabengele Munanga (2012, p. 11) adverte que “a interiorização pode, a rigor, levar à alienação e à negação da própria natureza humana para os que nasceram escuros, oferecendo-lhes como único caminho de redenção o embranquecimento físico e cultural [...]”. O autor ainda continua a pontuar outras consequências da introjeção do ideal de branqueamento, o qual “inconscientemente não apenas interfere no processo de construção de identidade do ser negro individual e coletivo, como também na formação da autoestima geralmente baixíssima da população negra e na supervalorização idealizada da população branca” (Munanga, 2012, p. 11).

Sobre ideal de branqueamento, precisamos falar de branquitude. Compreende-se branquitude como uma construção sócio-histórica alicerçada na ideia falaciosa de superioridade racial branca (Schucman, 2012). A branquitude refere-se à identidade racial branca. A branquitude é um lugar de privilégios simbólicos, subjetivos e objetivos, isto é, materiais palpáveis que colaboram para a construção social e reprodução do preconceito racial, discriminação racial “injusta” e racismo (Schucman, 2012).

Entendo que por muitas vezes o viado preto é perpassado pela sensação de não sentir-se inteligente o bastante, bonito o suficiente, digno de confiança e amor. Portanto, considero que o viado preto experiencia uma fragilidade na concepção do autovalor, em

virtude da subalternização de sua vida e a partir dela queremos falar e pensar estratégias de sobrevivência.

3 NÃO NOS FALTA VOZ! NOS FALTA ESCUTA!

Nós³ queremos falar de nós e a vocês cabem escutar! Não nos falta voz! Nos falta escuta! Somos o que só nós podemos dizer a nosso respeito! Oprimidos? Mas também gritamos! Gritar é Direito, e nesse mesmo patamar, colocamos o escutar. A fala vocês não nos tiraram! A oralidade é nossa potência, porque contamos nossas histórias, do nosso lugar, de dentro, de nossas experiências. É esse o nosso maior exercício ancestral e decolonial! Vocês não falam por nós! Querem ser antirracista? Então escutem! Não querem reproduzir falas, concepções e comportamentos homofóbicos? Então escutem! Não querem nos causar violências? Então escutem! Agora sentem e escutem, porque temos muito o que dizer! Já estamos dizendo há tempo e gritamos para romper a surdez alheia! Não nos tirem a possibilidade de falar! Resistiremos pela validação de nossas falas! Não venham com ameaças! Nós conhecemos a dor! Vítimas da própria aparição, não temos como guardar nossa cor no bolso! Trazemos no corpo a marca da rejeição, do desafeto, da imoralidade, da irracionalidade e desumanidade projetada por vocês! Vocês querem nos matar, mas nossa melhor vingança vai ser viver e viver uma vida digna de quem enfrentou e mobilizou grandes revoltas internas e externas para não sucumbir! Nós resistimos e nossa resistência é forjada nas ausências, até mesmo dos nossos, daqueles que acreditávamos poder contar, mas até isso em alguns momentos foi nos tirado. Quem a gente tem se não a nós mesmos? Nossa vingança vai ser envelhecer! Nós incomodaremos por estarmos vivos ainda que muitas miras, incessantemente, nos enquadrem! Não morreremos de banzo! Incomodaremos por ocupar lugares. Nós estaremos na encruzilhada e nossa história colocamos no alguidar⁴. É o que temos a oferecer e com ela resistimos! Aqueles que poderão estar perdidos pelo encaminho, buscando rotas de fuga, poderão se alimentar de nossas histórias e encontrar, logo ali, um pouco mais adiante, muitos de nós aquilombados, logo ali ouvindo cantores como Luedji Luna, Liniker, Matheus Aleluia; logo ali lendo escritores como Conceição Evaristo, Elisa Lucinda, Djamila Ribeiro; logo ali assistindo ao filme “Medida Provisória”, do diretor, Lázaro Ramos; ao espetáculo de dança negra, “Zumbi”, cujo coreógrafo é o Zebrinha; e a peça de teatro, “Jorge para sempre verão”, dirigida pelo Rodrigo França, entre inúmeras outras possibilidades de estarmos juntos e a partir de referências pretas partilhadas por muitos “subúrbios existenciais” promovedores de vida. É entre os nossos que a gente se vê! Nossa força é ancestral! Nossos encontros são reencontros!

³ O uso da palavra “nós” é um reconhecimento histórico e ancestral de que o meu discurso encontra ressonância em muitos indivíduos marcados socialmente como “outros”, em virtude da classe econômica, da cor de pele, da orientação sexual, do território onde vivem, etc. Entendo que hoje, tenho a possibilidade de falar, porque muitos falaram e falam junto comigo. Assim, utilizo o “nós”, porque ele reforça o “EU”.

⁴ Alguidar consiste em um vaso de barro, com formato de cone truncado, usado em rituais de religiões afro-brasileiras para oferendas ao Orixás.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

CRENSHAW, Kimberle. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, ano 10, v. 1, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>. Acesso em: 18 set. 2021.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). **Representações performativas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

MUNANGA, Kabengele. Negritude ou identidade negra e afrodescendente: um racismo ao avesso? **Revista da ABPN**, Uberlândia, v. 4, n. 8, p. 06-14, jul./out. 2012.

SCHUCMAN, L. V. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”**: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

VEIGA, Lucas. Além de preto é gay: as diásporas da bixa preta. In: RESTIER, H; SOUZA, R (org.). **Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019. p. 77-104.

Recebido em: 04/03/2025

Aceito em: 11/08/2025